

Remetentes e Reminiscências: o gênero epistolar em Júlia Lopes de Almeida

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i3.3940>

Verônica dos Santos Modolo¹

Resumo

Em face de novas perspectivas sobre os estudos literários, a pesquisa sobre a literatura de autoria feminina demonstra relevância, não só em seus aspectos estéticos, mas também em sua dimensão política, na medida em que estas obras revelam vozes e pontos de vista antes silenciados. Neste quadro, a escritora Júlia Lopes de Almeida foi recuperada enquanto expoente da literatura durante a *Belle Époque* brasileira e debatedora da condição feminina. Este artigo objetiva analisar o uso do gênero epistolar nas obras *Livro das Donas e Donzelas* (1906) e *Correio da Roça* (1913), com foco no uso da autodescoberta pelo deslocamento temporal (Altman, 1985). Propõe-se que a passagem do tempo nestas duas obras é estrutural para o processo de reflexão e aprendizado das personagens e das leitoras sobre si mesmas.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida; epistolografia; literatura de autoria feminina; literatura brasileira; gênero textual.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; veronicamodolo@usp.br; <https://orcid.org/0000-0001-9355-136X>

Senders and Memories: The Epistolary Genre in Júlia Lopes de Almeida

Abstract

In light of new perspectives on literary studies, research into women's literature is proving relevant, not only in its aesthetic aspects, but also in its political dimension, insofar as these works reveal previously silenced voices and points of view. In this context, the writer Júlia Lopes de Almeida was recognized as an exponent of literature during the Brazilian *Belle Époque* and a debater of the female condition. This article aims to analyze the use of the epistolary genre in the works *Livro das Donas e Donzelas* (1906) and *Correio da Roça* (1913), focusing on the process of self-discovery through temporal movement (Altman, 1985). It is proposed that the passage of time in these two works is structural to the process of reflection and learning by the characters and the readers about themselves.

Keywords: Júlia Lopes de Almeida; epistolography; women's writing; Brazilian literature; genre.

Introdução

A virada do século XIX para o século XX no Brasil é marcada por profundas transformações políticossociais, como a instauração da Primeira República e a abolição da escravatura. Subjaz a estes eventos um processo mais amplo de mudança de mentalidade, pautada pelos ideais do que se tomava, à época, como progresso e civilidade. De fato, observa-se a ascensão da nova elite burguesa em contraposição à antiga elite aristocrática, implicando mudanças nas relações sociais, econômicas e culturais (Sevcenko, 1999, p. 35). A aspiração ao desenvolvimento traduziu-se, na prática, em arrivismo e consumo desenfreado, na busca pela afirmação de um estilo de vida moderno, distinto tanto da memória da sociedade tradicional quanto da cultura popular (Sevcenko, 1999, p. 30).

Neste contexto de redefinição das dinâmicas sociais, a mulher brasileira ainda é restrita ao ambiente doméstico, agora reenquadrado como o pilar moral de formação da nação (Magaldi, 2007, p. 21). A tríade "dona-de-casa, esposa e mãe" é a imagem da mulher burguesa ideal, imbuída dos valores de trabalho e esforço individual, que seriam estendidos à sociedade como um todo, em um processo civilizador alicerçado em sua presença no âmbito familiar. Sua contraparte, o homem, lideraria o âmbito público da política, da economia e do direito, e modelaria a sociedade de acordo com seus privilégios. Trata-se de fato de "um novo modelo de feminilidade" (Rago, 1985, p. 62), em que a mulher não é definida em si mesma, mas por sua função social em relação aos filhos e ao marido. Portanto, essa suposta valorização da mulher enquanto bastião moral da nova república efetiva a manutenção de relações hierárquicas de poder entre homens e mulheres, reincorporando as mulheres ao discurso patriarcal (Rago, 1985, p. 63).

Se, por um lado, esta configuração da mulher é inédita em relação ao passado colonial, por outro, toda a história das mulheres no Brasil é marcada pelo silêncio e pelo apagamento, de forma que suas experiências por muito tempo não alcançaram os registros oficiais, sendo então estagnadas em figuras idealizadas e ahistóricas (Del Priore, 2007, p. 217). No entanto, quando se alarga o escopo de objetos de análise, é possível identificar indícios de que, em verdade, a mulher brasileira disputara sua existência e sua voz, seja na esfera pública, seja fora dela.

Nesse sentido, a palavra escrita não só pode revelar representações e perspectivas femininas de um momento histórico, mas também tem seu valor como ação política de afirmação de si por suas experiências. Nos cantos, nas tradições e nas escritas de si (Del Priore, 2007, p. 220), as mulheres se expressaram e refletiram sobre si e sobre seu contexto, construindo pela linguagem outras facetas para o fato histórico. Assim, retomar as escritas de autoria feminina é, a um só tempo, uma questão política e, também, uma busca por maior complexidade e detalhamento da história e da literatura (Faedrich, 2020, p. 152).

A escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) insere-se precisamente neste processo de recuperação e releitura, enquanto expoente da literatura do entresséculos e questionadora de algumas imposições ao comportamento feminino. Romancista e contista reconhecida pelo público à época, Lopes de Almeida discutiu a opressão contra a mulher e seu papel na sociedade, em obras como *Memórias de Martha* (1899), *A falência* (1901) e *A intrusa* (1908), afirmando o trabalho e a educação como caminhos para sua emancipação e contribuição para o progresso nacional (De Luca, 1999, p. 290). Paralelamente à produção ficcional profícua, a escritora atuou constantemente na imprensa por meio de crônicas, conferências e eventos. Em suas colunas, pautou questões de interesse público como a criação de escolas, postos de trabalho e a arte, ora em estilo mais direto e crítico (Moreira, 2008), ora em tom dissimulado e conciliatório (Marreco, 2015). Por isso, sua obra é reveladora dos impasses disputados pela mulher durante a *Belle Époque* brasileira.

Porém, após seu falecimento, Júlia Lopes de Almeida passou por um processo de esquecimento por parte da crítica literária, haja vista que sua presença foi omitida de grande parte das historiografias e de estudos especializados. Somente a partir dos anos 1990, pela consolidação dos estudos feministas e sobre a literatura de autoria feminina, seu nome e sua obra são retomados por pesquisadoras como objeto de estudo relevante (Fanini, 2013, p. 161). A renovação contemporânea de análises e perspectivas chama a atenção também para a relevância de sua produção não-ficcional, que dialoga com as obras literárias, e aprofunda a visão de Almeida sobre seu momento histórico.

Este artigo insere-se neste movimento crítico de releitura e análise de obras antes pouco estudadas, em busca de maior compreensão sobre o estilo de escrita almeidiano e, de

modo mais amplo, sobre a relação entre a autoria feminina e as chamadas “escritas de si”, gêneros textuais praticados no âmbito da intimidade.

Neste artigo, voltamo-nos ao gênero epistolar, mobilizado por Lopes de Almeida nas obras *Livro das Donas e Donzelas* (1906) e *Correio da Roça* (1913), para compor as perspectivas de personagens e da própria escritora em desabafos, confidências e conselhos. Objetiva-se analisar o processo de autoelaboração das escreventes pela mudança de perspectiva espaço-temporal característica do gênero epistolar. A partir desta análise, propõe-se a hipótese de que o processo de distanciamento de si promovido pelas cartas ficcionais destas obras revelam um senso de identidade que pode ir além das imagens convencionadas para o feminino.

Desta forma, o artigo está disposto em duas partes. Na primeira seção, serão discutidos os pressupostos teóricos que norteiam a análise. Entende-se, aqui, ser necessário discutir a busca de mulheres escritoras por expressão e o papel das escritas de si neste processo, em especial a carta, enquanto um entre-lugar entre a escrita privada e a palavra pública, entre o presente da escrita e o futuro da leitura. Na segunda seção, será desenvolvida uma análise de passagens nas obras em que o deslocamento epistolar leva a reflexões sobre o comportamento e a existência feminina. Finalizamos com as conclusões e possíveis encaminhamentos para pesquisas futuras.

Onde encontrar as vozes das mulheres?

Rita Teresinha Schmidt (2012, p. 60), no artigo “Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção”, aponta que o processo de recuperação e inserção da literatura de autoria feminina no panorama da literatura brasileira envolve o confronto com questões de fundo sobre valores e critérios que constituem a história literária. De acordo com a pesquisadora, a existência de questionamentos à institucionalização literária e seus caracteres é parte de um movimento mais amplo com novos interesses sobre as produções culturais. Frente a essas provocações teóricas, percebe-se o desenvolvimento de novas reflexões que abarquem a complexidade dos fenômenos expressos nessas produções.

Uma das problemáticas centrais a ser confrontada é precisamente o silêncio das mulheres. Tanto na literatura quanto em outros campos artísticos e outras manifestações sociais, estudar as mulheres é, antes de mais nada, um exercício de procura de traços e indícios. O desafio desta ausência não é mero acidente de percurso histórico, mas sobremaneira um processo de apagamento de suas visões e existências dos registros históricos. Em face deste vazio documental, Mary Del Priore (2007, p. 224) propõe voltar-se a outras maneiras de evidenciar a história das mulheres, “buscando nas atitudes e sensibilidades coletivas, nos fatos e práticas cotidianas, os espaços onde se abrigava a relação homem-mulher”.

Um dos caminhos possíveis para a busca dessa presença é pelas escritas de si, conjunto de gêneros textuais ligados à autoelaboração, como os diários, as memórias, as autobiografias e as cartas. Estes textos, embora não só literários ou jornalísticos, contêm as perspectivas de seus escreventes sobre si e sobre sua relação com seu momento histórico. Pelas mãos das mulheres, estes gêneros textuais revelam as sutilezas da construção da subjetividade feminina, com suas contradições e agências (Ionta, 2013, p. 15).

Enquanto potencial de significação, estas formas são aproveitadas pela literatura de autoria feminina para compor obras que tematizam a experiência feminina ao passo que rompem com as tradições patriarcais de representação da mulher. Norma Telles, pela leitura de escritoras e imaginários literários do século XIX, aponta a perspectiva da autoria feminina como um ganho para a literatura como um todo, na medida em que sua presença possibilita “experenciar e conceber a consciência por meio de outras imagens, em vez de níveis superpostos falar de policentricidade, circulação ou rotação” (Telles, 2012, p. 49).

Neste sentido, Paula Cunha (2012) ressalta a centralidade do ato da escrita como, ao mesmo tempo, afirmação e criação de seu ponto de vista. Afirmação na medida em que a escrita fixa a palavra passageira dos gêneros orais e ocupa um lugar no espaço e na circulação da produção escrita. Criação porque a escrita é também um processo de tomada de consciência, de emergência do inconsciente para a razão pela palavra. Nas palavras de Cunha (2012, p. 6): “É como se lhe fosse necessário cartografar-se para afirmar a sua subjetividade, o seu eu, e a apreensão da realidade com base nessa experiência”.

Entre estas formas, a carta ganha relevância, por ser uma escrita de si frente a um outro, o destinatário real ou projetado. Escrita na intimidade, a carta é então lançada para o confronto com este leitor, escapando do confinamento das folhas de um diário íntimo (Altman, 1985, p. 89). Assim, por meio do gênero epistolar, a suposta linha entre o lar e a rua se rompe e pode dar a ver as relações hierárquicas de gênero no âmbito privado.

Neste trabalho, a epistolografia é entendida não somente como forma de comunicação, mas como estrutura literária capaz de criar significados (Altman, 1985, p. 4), e no caso da escrita de mulheres, um espaço de tomada de consciência e de reflexão. Uma de suas características fundantes é precisamente sua abertura ao trânsito, do transporte físico das cartas à mobilidade psicológica e artística dos correspondentes. Diaz (2016, p. 68) denomina este fundamento como a *lógica da interface*:

Coloca em *correspondência* elementos heterogêneos segundo um sistema de engrenagens variável e, frequentemente, imprevisível. O que, contudo, a interface epistolar coloca em correspondência, na verdade, não são tanto pessoas – como seríamos estimulados a pensar – mas discursos e posturas enunciativas.

De acordo com a pesquisadora, a carta, enquanto prática social, torna-se um espaço no qual impera o princípio do diálogo, do questionamento, da defrontação com o outro. Por isso, podem ser incorporados à carta outros gêneros, temas e posicionamentos, compondo instantâneos fragmentários e plurais de seus correspondentes. Por sua vez, é este contato com o outro que oferece potencial formativo, quando, em um processo dialético, tem-se um vislumbre das identidades que se delineiam na dinâmica epistolar.

Neste artigo, daremos foco a um dos movimentos pelos quais a carta possibilita este processo contemplativo: o deslocamento espaço-temporal. Este movimento pode se realizar entre remetente e destinatário, em que duas subjetividades negociam suas posições pela escrita das missivas, e também do escrevente da carta consigo mesmo, em um processo de distanciamento de si.

Segundo Diaz (2016, p. 119), o confronto consigo está já na gênese da carta enquanto texto e enquanto forma discursiva:

É pela dupla mediação da linguagem e de sua inscrição na escrita que um *eu* emerge de seu silêncio: o *ego* que toma forma e consistência na carta já é sempre um *ego scriptor*. Uma das razões de ser da carta, talvez a primeira, é essa formulação escritural de si cuja urgência, manifestadamente tem primazia sobre o simples desejo de comunicação.

Assim, rompendo com a tradição de uma ilusória sinceridade epistolar, entende-se que a carta é, antes de tudo, uma “encenação de si”, ou seja, uma elaboração textual da imagem do epistológrafo (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 24). Este entendimento, por sua vez, aproxima a carta da ficção, sem que sua ligação com a circunstância histórica seja desconsiderada.

Um segundo momento, complementar à escrita, agudiza o processo de distanciamento de si. Janet Gurkin Altman, em análise do uso da forma epistolar na literatura, ressalta o potencial da carta como um mecanismo de reconhecimento, seja pela leitura de carta alheia, seja pela leitura da própria carta. A releitura implica diversos deslocamentos: temporal, visto que o momento de leitura já não é o momento da escrita; de papéis, de escrevente a leitor; de engajamento com o texto, da ação da escrita ao exercício da leitura e da interpretação; e da função da carta, não mais só meio de comunicação, mas registro de um momento passado. Assim, o movimento de mudança de perspectiva (Altman, 1985, p. 92) encetado pela releitura pode ser o motivador de um processo de autodescoberta, pela comparação entre o *eu* presente e o *eu* passado registrado na carta.

Na literatura de Júlia Lopes de Almeida, é possível analisar o uso do gênero epistolar pela escritora para engendrar este processo de autodescoberta pelas próprias personagens ou pelas próprias leitoras. Na seção seguinte, buscaremos apresentar as obras e analisar este procedimento.

A autoelaboração da mulher na obra de Júlia Lopes de Almeida

Júlia Lopes de Almeida, nascida no Rio de Janeiro em 1862, foi presença constante no meio literário brasileiro desde sua jovem estreia, em uma crônica em 1881, até seu falecimento em 1934. Ao longo da carreira de mais de 40 anos, notabilizou-se no meio literário pela prosa ficcional objetiva, realista e de percepção acurada dos costumes sociais. Juntamente a seus romances e contos, Lopes de Almeida participou ativamente do debate público em crônicas, conferências e eventos sociais, tendo como tópicos de interesse a educação e a colocação profissional feminina, o desenvolvimento urbano e as artes (Engel, 2009, p. 29).

Sua trajetória de sucesso profissional foi, sem dúvida, uma exceção no período, uma vez que pouca consideração era dada à produção artística feminina de modo geral. Ainda que a biografia de Almeida seja em si objeto de delongada análise, é possível apontar um fator fundamental para seu êxito: seu posicionamento enquanto uma escritora profissional. Michele Fanini propõe, em análise do arquivo pessoal de Júlia Lopes de Almeida, a existência de um projeto (auto)biográfico e estético da escritora, que planejou e atuou conforme uma imagem que construiu para si, de mulher intelectual, escritora, mas também ciosa de seu papel enquanto esposa e mãe (2016, p. 41). Assim, Lopes de Almeida reafirmou, pela produção e por sua própria figura, seu espaço e sua voz como uma profissional de letras.

No entanto, tal reconhecimento não perdura na história. Após seu falecimento, seguem-se décadas de esquecimento ou de breves menções por parte da crítica literária. Wemerson Gomes e Tamires Celi (2018) levantam possibilidades de razões para o desinteresse pela escritora, dentre elas, a consolidação do Modernismo e os períodos de afastamento de Lopes de Almeida do Brasil em viagem. De todo modo, somente a partir dos anos 1990, inicia-se um processo de recuperação das obras esquecidas e de renovação dos estudos críticos sobre Júlia Lopes. Nas palavras de Gomes e Celi (2018, p. 346), trata-se de um movimento mais amplo de “reexaminar o cânone literário brasileiro em busca de autores injustiçados, cuja atualidade bate, insistentemente, em nossas portas”.

No entanto, é preciso ressaltar que esse movimento crítico não busca afirmar Lopes de Almeida como uma figura excepcional, precedente de um movimento ou “à frente de seu tempo”. Magali Engel (2009, p. 26) pondera que deslocar escritores/as de seu contexto histórico e social implicaria supervalorizar a dimensão individual, por um lado, e desconsiderar a complexidade da sociedade, por outro. Em vista desses fatores, parece mais produtivo considerar a escritora “dentro de seu tempo”, inserida nas dinâmicas sociais e literárias da *belle époque*, e a partir disso, refletir sobre como sua obra pode lançar luz sobre este momento histórico.

Nesta retomada contemporânea da obra almeidiana, não só se reavaliam obras uma vez consagradas como *A falência* (1901) e *Ânsia Eterna* (1902), mas também se incorporam às análises sua produção não-ficcional e obras menos conformadas aos gêneros literários reconhecidos. Estão neste rol as obras *Livro das Donas e Donzelas* e *Correio da Roça*, objeto da presente análise.

Livro das Donas e Donzelas é uma reunião de crônicas publicadas no jornal *O País* por Almeida, em seu nome e pelo pseudônimo Ecila Worms, até 1905 (Silva, 2015, p. 12). Contém reflexões sobre comportamentos, hábitos e valores da sociedade brasileira do período, em textos curtos e de linguagem afetuosa, direcionada às mulheres leitoras. Ainda que a obra não receba uma classificação em termos de gênero textual, o livro foi tomado como um manual doméstico por parte da fortuna crítica sobre a escritora (Magaldi, 2007; Costruba, 2011; Batista, 2012). A atribuição deste gênero dá-se a partir da temática, a reflexão sobre o papel da mulher, e da forma, em conselhos íntimos de uma voz amiga e experiente. Ao considerar o contexto de produção, Ana Maria Magaldi (2007, p. 21) entende que essa obra integraria um tipo de educação informal para formação da mulher como educadora da família, perante a precariedade da educação formal no país.

No entanto, é preciso ressaltar que a obra, em sua estrutura e em seus aspectos constitutivos, não tem indícios de se caracterizar como um manual doméstico, conforme o gênero praticado no período. Se, do ponto de vista temático, os tópicos e os discursos de fato aproximam-se de diversos textos da chamada literatura de civilidade da virada do século, do ponto de vista formal, sua composição recorre a outros gêneros, como a crônica, seu gênero de origem, e a carta, aspecto que enfatizaremos nesta análise.

Correio da Roça é um romance epistolar, ou seja, uma narrativa conduzida pela correspondência entre as amigas Maria e Fernanda, esta na capital Rio de Janeiro e aquela no interior do estado. Maria, empobrecida após a liquidação das dívidas do falecido marido, muda-se para a delapidada fazenda *Remanso*, último espólio da família, com suas quatro jovens filhas, e com relutância acostuma-se à vida rural. Fernanda estimula a colega a trabalhar para desenvolver o terreno, incluindo em suas cartas instruções, ideias e conselhos. Em pequenos episódios, Maria transforma seu entorno e também a si mesma pelo contato com a terra e com a comunidade formada na fazenda.

Em processo similar ao de *Livro das Donas e Donzelas*, *Correio da Roça* foi interpretado não como romance, mas como uma *cartilha* para conscientização da importância do setor rural para o desenvolvimento do país. Leonora de Luca (1999, p. 296) considera principalmente os temas e o enredo do livro para identificar o “caráter de cartilha ou de compêndio”. Joyce Muzi e Lúcia Zolin (2012, p. 122) concordam com a leitura de de Luca e acrescentam às observações os trechos instrutivos sobre agronomia, que tornariam o livro uma espécie de guia agrícola para mulheres. Porém, defendemos aqui e em artigo anterior (Modolo, 2024), que, ao observarmos a estrutura do romance em sua

integridade, *Correio da Roça* não se organiza como uma cartilha, e a forma da carta tem maior relevância enquanto linha norteadora do texto e orientadora de sua classificação.

Embora de conteúdos e gêneros diversos, estes livros têm dois aspectos em comum. Em primeiro lugar, a aproximação com gêneros pedagógicos, ou, de modo mais amplo, a tendência a fomentar a reflexão e o aprendizado pelas leitoras, seja pelo endereçamento direto, no caso de *Donas e Donzelas*, seja pelo exemplo das personagens em *Correio da Roça*. Em segundo lugar, ambas as obras se valem, em diferentes graus, da forma epistolar para este processo reflexivo. Por isso, neste artigo, buscou-se aproximá-las para identificar recorrências no estilo de escrita da escritora e, especialmente, no uso da carta na escrita almeidiana.

Enquanto em *Correio da Roça* a epistolografia é mais evidente e constitutiva da obra, em *Livro das Donas e Donzelas* seu uso é mais sutil e requer algumas palavras de esclarecimento. Ana Maria Magaldi (2007, p. 51) sugere a leitura de *Livro das Donas e Donzelas* como uma ampla carta-dedicatória, proposta que pretendemos adotar e detalhar. Nem todos os textos do livro são cartas em sua estrutura. Porém, o texto “minhas amigas”, que abre o volume, é escrito como uma carta às leitoras, e indicado como a dedicatória do livro. Assim, este texto de abertura contextualiza toda a obra como um amplo endereçamento às leitoras, tornando cada texto uma parte desta correspondência encetada pela dedicatória. Nesta carta, em linguagem íntima e afetuosa, a escritora parece indicar uma chave de leitura mais reflexiva para os textos seguintes, mais uma vez reforçando o enquadramento da obra como uma interpelação às leitoras, incluídas como confidentes pela dedicatória.

A partir deste entendimento das obras, é possível analisar o uso do deslocamento epistolar nestas obras como meio de reflexão direcionado às leitoras. Em *Correio da Roça*, a releitura das cartas é comentada na última missiva de Maria a Fernanda: “Compara esta carta à primeira que te escrevi e vê de que milagres é capaz o trabalho!” (Almeida, 1913, p. 209). Maria convida a amiga a fazer o mesmo movimento reflexivo que ela própria parece já ter feito anteriormente à escrita, uma vez que tem suas conclusões sobre a importância do trabalho em sua trajetória. Como encerramento da obra, a frase explicita uma das principais temáticas da narrativa, o trabalho como meio de autonomia e realização pessoal e social para a mulher.

É interessante notar, então, o processo de comparação das cartas enquanto mecanismo textual para incentivar a reflexão das leitoras das cartas. Isto pois a retomada da primeira carta enfatiza mudança operada na personagem pela ocupação profissional e pela independência financeira. As cartas I e LVIII, primeira e última do livro, são dois momentos no tempo registrados em texto, dois momentos em que Maria fixa, na encenação de si para a destinatária amiga, uma versão de si mediada pela escrita. Pela observação em paralelo das cartas, é possível reatar esses dois momentos e dar sentido aos fragmentos

de cotidiano rememorados nas cartas, construindo assim o senso narrativo dos capítulos de *Correio da Roça*.

Ao retomar a primeira carta, muitas das questões da carta LVIII já estão postas como conflitos a serem desenvolvidos. Um deles, caro a Maria e Fernanda, é precisamente o trabalho:

Não fazer nada é a melhor maneira de se sentir a gente envelhecer, morrer! De mais a mais faltam-nos os meios, mesmo aqui, para certos confortos a que o trabalho ativo de meu marido nos tinha habituado. Não sei onde isto irá parar, mas sinto-me num despenhadeiro! (Almeida, 1913, p. 9).

No início da correspondência, Maria mostrava-se alinhada a seu papel de esposa, submissa e dependente do marido financeira e intelectualmente. Viúva e sem a provisão do esposo, Maria defronta-se não só com a dificuldade material, mas também com as incertezas do futuro e sua própria apatia frente às adversidades. Assim, a primeira carta é o registro de uma mulher brasileira formada por uma educação ornamental, sem senso prático e sem função para além do núcleo familiar, modelo reiteradamente criticado por Almeida em suas obras.

Em contraste, a última carta registra um quadro inteiramente diverso. As filhas de Maria estabelecem uma escola para formar as crianças das fazendas próximas e organizam um hospital para socorrer os trabalhadores, as crianças e as jovens mães. Sob a administração de Maria, a fazenda expande-se e gera produtos diversos, como frutas, legumes, verduras, doces e conservas. Além das horas de trabalho, todas as mulheres dedicam-se a lazeres produtivos, como a jardinagem e a fotografia. O último capítulo é o retrato da mulher moderna idealizada pelo feminismo em desenvolvimento na época, independente, contribuinte para a sociedade e ciente de sua individualidade.

Pelo contraste entre as cartas I e LVIII, ressalta-se a importância do trabalho e da educação para a vida de uma mulher. Porém, o processo pelo qual Maria passa para tornar-se a mulher da última carta é gradual e meditativo, registrado em instantes pelas demais cartas. De fato, é pela mediação da palavra escrita e compartilhada que o movimento reflexivo de Maria se desenvolve. Frente a sua remetente, Maria busca dar forma a seus pensamentos e a si mesma para aproximar-se da amiga ausente: “Eram estas coisas que me enchiam o coração e eu sentia necessidade de desabafar contigo, a quem o meu romanticismo não parecerá ridículo, porque o sabes sincero” (Almeida, 1913, p. 176).

Por isso, o gênero epistolar em *Correio da Roça* é constitutivo das temáticas da obra e estrutura um modo de desenvolvimento da consciência feminina pelo diálogo. Se nesta obra o aprendizado da mulher é elaborado pela via ficcional, em *Livro das Donas e Donzelas*, obra anterior, a relação é mais próxima, entre escritora e público. A dedicatória

Minhas Amigas, espécie de carta aberta às leitoras do livro, guarda princípio semelhante de observação da passagem do tempo.

Nestas horas vertiginosas e perturbadoras reconheço todos os meus sonhos e desejos antigos, roçando por mim as suas asas, com tanto arrojo abertas e tão cedo enfraquecidas... *Mas isso que vos importa? Valerá pena pensar no tempo que passou, bem ou mal?* [...] Assim como o tempo, fosco ou luminoso, os homens serão maus ou serão bons e a vida fará o seu giro imperturbável, desfazendo e criando entre declínios e triunfos. *Para o mundo será assim, mas para nós, queridas?* (Almeida, 1906, p. 10, grifo próprio).

Assim Júlia Lopes encerra o texto de abertura desta coletânea de crônicas. Inicialmente, *Minhas amigas* foi publicado em 31 de dezembro de 1900, na coluna A Moda, pelo pseudônimo de Almeida, Ecila Worms. O texto, contextualizado no jornal como uma reflexão de Ano-novo, sofre alterações na versão em livro, tornando-se menos calcado no cotidiano imediato e mais abstrato, como uma reflexão ampla sobre o tempo. Endereçada diretamente às leitoras pelo vocativo “Minhas amigas!” no título, a dedicatória perde alguns traços de crônica e torna-se uma carta íntima, lida individualmente no volume.

Neste novo contexto, as provocações finais do texto permanecem como pergunta lançada às leitoras, sendo assim uma possível chave de leitura para os demais capítulos de *Livro das Donas e Donzelas*. Neste sentido, é interessante observar que a reflexão por meio do deslocamento temporal é singularizada neste texto, como questão que permeia a obra como um todo.

Esta questão é sintetizada em dois movimentos. Em primeiro lugar, a escritora remete à relevância de uma reflexão crítica sobre os processos históricos, ou seja, a não naturalização de comportamentos e acontecimentos na sociedade. Este questionamento pode, então, ser estendido para os demais capítulos do livro, centrados em hábitos e tópicos do cotidiano, que devem ser compreendidos à luz do passado, e mudados ou mantidos com vistas ao futuro.

Em segundo lugar, Lopes de Almeida parece colocar em discussão uma distinção de gênero na reflexão sobre o passado. A escritora diferencia um “mundo”, em que o tempo é dinâmico e impelido pela própria ação do homem, por suas vitórias e fracassos, e um “nós”, em que este movimento é incerto, posto em forma de dúvida. Este “nós”, que inclui a escritora e as “queridas” leitoras, é assim demarcado como feminino, e parece se delimitar como um âmbito ahistórico, ou distanciado dos “declínios e triunfos” do mundo dos homens. A sugestão de uma discriminação de gênero no próprio correr da história reitera a importância “pensar no tempo que passou.”

No entanto, estes debates não são colocados como proposições ou diretrizes, mas como perguntas, inseridas na atmosfera de intimidade e (suposta) sinceridade da carta-

dedicatória, convidando as leitoras a refletirem em uma resposta. Assim, a passagem do tempo pela carta não só é tematizada, mas também exercitada, entre a escrita da carta “Minhas amigas” e a leitura da dedicatória pelas leitoras. À diferença de *Correio da Roça*, em que a autodescoberta é um movimento interno do romance, em *Livro das Donas e Donzelas*, a autorreflexão é externa, projetada para as leitoras.

Quando lidas em conjunto, estas duas obras revelam coincidências nas estratégias de escrita que adensam a interpretação e corroboram o entendimento sobre a versatilidade de Lopes de Almeida na composição de suas obras. Propõe-se sintetizar esta estratégia em três [eixos/dimensões], que ocorrem em concomitância na obra.

O tempo nestas duas obras é central. Primeiramente, enquanto objeto de consideração, o tempo é tematizado e discutido, enfatizando assim a historicidade do presente e seu potencial de mudança no futuro. Em segundo lugar, o tempo está conscientemente posto enquanto parte da dinâmica de produção da escrita epistolar, com ênfase na lacuna entre escritora e leitoras a ser transposta pelo texto.

O espaço, lado a lado com o tempo, ganha relevância pelo gênero epistolar nestas obras. Pela carta, transpõe-se a separação entre os âmbitos privado e público, ao surgir como escrita íntima e ser publicizada a seu destinatário, escapando do confinamento do quarto para alcançar outro ponto de vista de seu destinatário. Esta ponte é significativa quando se considera a divisão de gênero atrelada a estes espaços – o privado como espaço do feminino e o público como responsabilidade masculina (Maluf; Mott, 1998, p. 374).

Estas duas dimensões são permeadas pela atitude autorreflexiva do gênero epistolar mobilizada nos textos. Direta ou indiretamente, *Livro das Donas e Donzelas* e *Correio da Roça* orientam a um olhar questionador sobre o cotidiano e as condições das mulheres durante a virada do século XX. Este movimento começaria pela reflexão sobre si próprias, de personagens e leitoras, em busca de compreenderem seus lugares no contexto social e os fatores históricos envolvidos em sua condição presente. A partir da consciência de si, haveria potencial de transformação de si e de sua realidade, como o exemplo de Maria parece ilustrar.

Conclusão

Este artigo propôs-se a uma análise de duas obras de Júlia Lopes de Almeida – *Livro das Donas e Donzelas* e *Correio da Roça* – detendo-se no deslocamento temporal do gênero epistolar como estratégia textual para a reflexão das mulheres leitoras. Esta leitura partiu do entendimento da autodescoberta pelo distanciamento de si possível no gênero epistolar para compreender o aproveitamento da carta pela escritora.

Este trabalho surge na esteira de um movimento produtivo, teórica e politicamente, de renovação de pesquisas sobre mulheres escritoras. Reconhece-se, primeiramente, estar-se diante de um “presente sem passado”, na expressão de Mary Del Priore (2007, p. 217), ou seja, há o desafio de preencher o silêncio historiográfico com as vozes antes ausentes. Para tal, percebemos nas chamadas “escritas de si” um espaço possível de expressão feminina e de confrontação com o imaginário construído sobre a mulher. Mais além, na conjunção entre escritas de si e literatura haveria margem para reflexão e potencial para mudança.

Nesse sentido, retomar duas obras de Almeida que foram identificadas a certo “caráter pedagógico” possibilitou investigar como este escopo se realiza no texto, a partir do gênero textual. Pela análise, foi possível interpretar a relação entre as dimensões de tempo e espaço e da aprendizagem: a atitude reflexiva posta em prática por Almeida nesses livros não se desvencilha da observação sobre o processo histórico das mulheres e seu impacto no presente individual de cada personagem e leitora². Assim, ao contrário de manuais ou cartilhas prescritivas e descontextualizadas, *Livro das Donas e Donzelas* e *Correio da Roça* realizam reflexões com base na relação entre sujeito e sociedade, e, principalmente, considerando a mulher em um lugar de desacordo com as imposições da estrutura patriarcal brasileira.

É possível, também, traçar relações entre as conclusões deste artigo e outras dimensões da produção da escritora. Michele Fanini, em análise da obra teatral de Júlia Lopes de Almeida, observa no uso de elementos cênicos estratégicos a busca por

[...] desfocar o binarismo entre as esferas pública e privada, de modo a capturar, em um movimento intrusivo, voltado para a dimensão da reclusão, da intimidade, da vida supostamente protegida dos olhares forasteiros, justamente aquilo que a extrapola, aquilo que seus espaços, mobília, e certos itens do vestuário trazem engastado, material e simbolicamente, do extramuros (Fanini, 2016, p. 44).

Observamos intenções semelhante no uso do trânsito epistolar entre a escrita de si e a escrita para o outro. Afinal, a carta, escrita no seio da intimidade do lar, é capaz de atravessar muros em direção a seu destinatário, trazendo consigo a voz e o olhar de seu remetente, rompendo com o isolamento do espaço doméstico privado.

Seja no teatro ou na prosa, ficcional ou não, Júlia Lopes de Almeida aponta para uma questão fulcral às mulheres da virada do século XIX. O modelo de feminilidade preconizado para as donas-de-casa não possibilitaria a autonomia, o desenvolvimento e a realização pessoal de que eram capazes, a exemplo de Maria em *Correio da Roça*. Rer Júlia Lopes

² Reflexão semelhante foi desenvolvida em maior detalhe em nossa dissertação *Jornadas de escrita: aprendizagem e gêneros literários em Júlia Lopes de Almeida* (2025).

de Almeida (e também outras escritoras deste mesmo período) reforça a relevância de investigar novas possibilidades de leitura, outras fontes de pesquisa e outras vozes.

Agradecimentos

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa de mestrado (nº do processo 23/02540-4).

Referências

ALMEIDA, J. L. *Correio da roça*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.

ALMEIDA, J. L. *Livro das Donas e Donzelas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

ALTMAN, J. G. *Epistolarity: Approaches to a Form*. Columbus: Ohio State University Press, 1985.

BATISTA, K. F. M. *Júlia Lopes de Almeida e a Educação da Mulher nos Livros das Noivas e das Donas e Donzelas*. São Gonçalo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

COSTRUBA, D. A. *Conselho às minhas amigas: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906)*. 2011. 175 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2011.

CUNHA, P. C. R. da R. de M. Da crítica feminista e a escrita feminina. *Revista Criação & Crítica*, [S. l.], n. 8, p. 1-11, 2012.

DEL PRIORE, M. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, M. C. (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007.

DE LUCA, L. O feminismo possível de Julia Lopes de Almeida. *Cadernos Pagu*, n. 12, p. 275-299, 1999.

DIAZ, B. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2016.

ENGEL, M. G. Júlia Lopes de Almeida: uma mulher fora de seu tempo? *La manzana de la discordia*, año 2, n. 8, p. 25- 32, dez. 2009.

FAEDRICH, A. Ética e estética na literatura brasileira escrita por mulheres. In: NEGREIROS, C.; OLIVEIRA, F. (org.). *Belle Époque em perspectiva*. São Paulo: Intermeios, Faperj, 2020.

FANINI, M. A. Júlia Lopes de Almeida em “retrato e prosa”: a propósito dos diálogos entre as imagens da escritora e sua produção literária. *Cadernos Pagu*, n. 41, p. 159-199, jul./dez. 2013.

FANINI, M. A. *A (in)visibilidade de um legado*: seleta de textos dramatúrgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida. São Paulo: Intermeios, Fapesp, 2016.

GOMES, W. F.; CELI, T. Júlia Lopes de Almeida: Lembrança e Esquecimento. *Mosaico*, v. 17, n. 1, p. 343-360, 2018.

HAROCHE-BOUZINAC, G. *Escritas epistolares*. São Paulo: EDUSP, 2016.

IONTA, M. Escritas de si em cartas e *blogs*: figurações da subjetividade feminina. In: RAGO, M.; MURGEL, A. C. A. T. (org.). *Paisagens e Tramas*: o gênero entre a história e a arte. São Paulo: Intermeios, 2013.

MAGALDI, A. M. B. de M. *Lições de casa*: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, N. *República*: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.

MARRECO, M. I. de M. A escrita de Júlia Lopes de Almeida: crônica. *Interdisciplinar*, Ano X, v. 23, jul./dez. 2015.

MODOLO, V. S. “Cartas serviçais e amigas”: a epistolografia em Correio da Roça, de Júlia Lopes de Almeida. *Linha D’Água*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 112-129, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v37i4p112-129>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/225798>. Acesso em: 21 nov. 2025.

MODOLO, V. S. *Jornadas de escrita: aprendizagem e gêneros literários em Júlia Lopes de Almeida*. 2025. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2025.tde-10062025-112356>. Acesso em: 21 nov. 2025.

MOREIRA, N. M. B. Dois dedos de prosa, coluna de Julia Lopes de Almeida, bota a boca no trombone. *IX Congresso Internacional da BRASA*, Tulane University, New Orleans, Louisiana, 2008.

MUZI; J. L. C.; ZOLIN, L. O. Entre a cidade e o remanso, mulheres educadas e trabalhadoras: a representação da mulher em correio da roça. *Revista Graphos*, v. 14, n. 2, 2012.

RAGO, M. *Do cabaré ao lar – A utopia da cidade disciplinar – Brasil: 1890-1930*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1985.

SCHMIDT, R. T. Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção. *El Hilo de la Fábula*, v. 10, p. 59-74, 2012.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, N. A. *Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em O País*, 2015. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

TELLES, N. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.